

Conflito de gerações, conflito de culturas: um estudo de personagens em narrativas juvenis brasileiras e galegas¹

João Luís Ceccantini

UNESP



RESUMO – O trabalho realiza uma análise comparativa de narrativas juvenis contemporâneas das literaturas brasileira e galega, tratando de questões ligadas à diversidade cultural e à dialética *minoría/maioría*. São abordadas, segundo um jogo de aproximações e distanciamentos, representações de jovens, vendo-se sob as coerções de culturas em circulação nas modernas sociedades urbanas, diferentes da vivenciada em sua casa e com sua família. Para levantar os aspectos temático-formais que compõem o estudo foram selecionadas obras legitimadas pelas instituições literárias dos respectivos países, buscando-se analisá-las sem perder de vista o tratamento estético conferido aos temas em pauta pelos autores.

Palavras-chave: Literatura juvenil brasileira; Literatura juvenil galega; Multiculturalismo; Representação do jovem; Literatura comparada; Narrativa

ABSTRACT – The work carries out a comparative analysis of contemporary young-adult narratives from Brazilian and Galician literatures, dealing with questions connected to cultural diversity and to the *minority/majority* dialectic. Representations of teenagers are approached, according to a game of approximation and distance, as they see themselves under coercions of cultures that circulate in the modern urban societies, different to the one they used to live in their houses and with their families. In order to raise the thematic-formal aspects of which the study is consisted of, works legitimated by literary institutions in their respective countries were selected, with the aim of analyzing them without letting the aesthetic treatment bestowed by the authors upon the themes on the agenda out of sight.

Keywords: Brazilian literature for young people; Galician literature for young people; Multiculturalism; Representation of young people; Comparative literature; Narrative

A pesquisa, ancorada na tradição dos estudos de *literatura comparada*, estabelecida com sucesso no Ocidente há mais de um século, apoia-se na ideia de que os subsistemas literários configurados pela literatura juvenil brasileira e pela literatura juvenil galega emergem de contextos com pontos em comum bem significativos, que convidam a um movimento de aproximações e distanciamentos entre obras oriundas dos dois universos, o que pode ser bastante fecundo para uma compreensão mais vertical de um e de outro.

De uma perspectiva cronológica, os dois subsistemas constituem fenômenos recentes, que remetem há apenas

umas poucas décadas, ou melhor, ao último quartel do século XX. No caso brasileiro, a consolidação da *literatura juvenil* como gênero razoavelmente autônomo – em oposição à *literatura infantil* – deu-se por volta de meados da década de 70, quando passa a contar com um conjunto relevante de autores e de obras associados especificamente a um público leitor jovem e ocorre a legitimação do campo por instituições literárias que concedem prêmios na modalidade *literatura juvenil* ou se voltam à produção regular de pesquisa na área. No caso da literatura juvenil galega dá-se fenômeno semelhante, talvez deslocado em uma década à frente, na medida em que a produção mais regular e substancial de livros juvenis, bem como sua legitimação pelas instituições literárias, ocorre, sobretudo, a partir de meados da década de 80.

¹ Este texto corresponde, em linhas gerais, à comunicação homônima apresentada no 32º Congresso Internacional do IBBY (International Board on Books for Young People) “A Força das Minorias”, em 10.09.2010, em Santiago de Compostela (A Corunha, Galícia, Espanha).

Como aspectos que convidam à aproximação dos dois subsistemas literários - o brasileiro e o galego - é preciso evocar, ainda, para além do fato evidente de que os dois têm sua forma de expressão em línguas vinculadas a uma mesma matriz - o galaico-português -, alguns dados do contexto sociopolítico-cultural contemporâneo que chamam a atenção por sua similaridade e certamente impulsionaram na mesma direção certos temas - e mesmo formas - da produção literária das duas culturas. Deve-se destacar o fato de essa produção literária emergir com força, nos dois casos, em sociedades que atravessavam um momento de transição política, saindo de ditaduras para regimes democráticos, e que, no bojo dessas transformações sociais, implementaram leis vinculadas à Educação, que criaram condições propícias para a explosão do gênero juvenil.

No caso do Brasil, a Lei 5692 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1971) expandiu largamente o acesso à escola, trazendo para o ensino público grandes contingentes de jovens provenientes de grupos sociais iletrados, o que criou novas necessidades educacionais, dentre elas, modificações na metodologia de trabalho com a leitura, particularmente no que concerne ao texto literário. Muitas dificuldades se fizeram presentes na formação dessas novas faixas do potencial público leitor que passava a chegar à escola, em especial a resistência manifestada em relação ao corpus canônico da "literatura adulta" que até então circulava no meio escolar, com todas as barreiras linguísticas e culturais que esse corpus pode oferecer. Atento para o fenômeno, o mercado editorial buscou ou encomendou textos que atendessem ao novo perfil desse público (e mesmo da nova geração de professores que passa a atuar na escola), o que resultou no crescimento vertiginoso, à época, do número de novos autores e de lançamentos de textos literários voltados às crianças e jovens, com tiragens colossais, boa parte das vezes impulsionadas por compras governamentais de grande porte.

Quanto à Galícia, com a Promulgação da Nova Lei de Educação (1970), do Plano Galícia de Educação (1971) e da Constituição (1978), com as leis deles resultantes, criaram-se, tal como no Brasil, condições excepcionalmente favoráveis para que se fortalecesse o campo geral da literatura infanto-juvenil, como esclarece Blanca-Ana Roig Rechou:

(...) conformou-se um leitorado potencial de grande interesse para os produtores, graças à definitiva implantação da língua galega e sua literatura nos centros de ensino, devido ao fato de que as leis que foram postas em vigor a partir da Constituição 1978, começaram a estimular a produção, uma vez que sua presença era obrigatória nos centros de ensino, e propiciaram uma série de normas que levaram as instituições ao compromisso de apoiar e promover os livros para os mais jovens. (ROIG, 2008, p. 18).

Também Dolores Vilavedra, em Sua *Historia da literatura galega* (1999), enfatiza o impulso que ganha a literatura infanto-juvenil na Galícia no contexto das transformações sociais que se fazem então presentes:

A década de 80 marca uma mudança quantitativa e qualitativa na trajetória do gênero (...) pela mudança das coordenadas sociológicas. Fruto da entrada do galego no ensino, fato do qual imediatamente se derivaria o aumento das editoras interessadas em acolher o gênero, com o conseqüente incremento da oferta e o supostamente paralelo estímulo da demanda, o que, no conjunto, resultaria na profissionalização das diversas instâncias envolvidas no setor, dos ilustradores aos escritores, que se agrupam em associações específicas, como a Galix. (VILAVEDRA, 1999, p. 337).

Acrescente-se a esses aspectos, o fato de que o governo galego ter colaborado, nessa época, com substanciais aportes financeiros para bancar - parcial ou integralmente - inúmeras edições de obras juvenis, o que deu enorme impulso à consolidação do gênero na Galícia.

Frente a esse contexto, tanto brasileiro quanto galego, não admira que boa parte dos autores que se lançaram na literatura infanto-juvenil e alcançaram sucesso no setor tivessem estreitos vínculos profissionais com a instituição escolar em alguma fase da carreira, na medida em que a escola se cristalizou como espaço por excelência de circulação da literatura juvenil. Se nos ativermos a expoentes de cada uma das duas literaturas - Lygia Bojunga (1932) e Agustín Fernández Paz (1947) -, temos um exemplo típico de escritores que, em maior ou menor grau, estiveram envolvidos com o movimento de renovação educacional de seus países, associado ao contexto exposto.

Em meio à pletora de possibilidades que se oferecem para a comparação de aspectos vinculados à produção ligada aos dois subsistemas literários, dadas as afinidades entre os dois, uma vertente sedutora de investigação é a de comparar personagens de narrativas juvenis brasileiras e galegas, explorando questões ligadas à diversidade cultural e à dialética *minoría/maioría*. O novo contexto político e cultural do qual brota cada uma dessas literaturas, impregnado, então, de um sentido libertário, com agentes empenhados em superar a condição de *exclusão*, nos mais diferentes níveis, a que foi relegada imensa parcela da população, dá margem para que se façam presentes, na literatura juvenil, representações do jovem que se vê sob as coerções de culturas diferentes daquela por ele vivenciada no interior de sua casa e de sua família, em sociedades que vivem intensas transformações sociais. Assim, procura-se indagar como, na construção da identidade das jovens personagens, se dá o embate entre valores geralmente atrelados às tradições de sua cultura

familiar e aqueles agora em circulação nas modernas sociedades urbanas, em que, cada vez mais, as novas gerações comungam de contextos culturais globalizados, moldados segundo valores típicos da indústria cultural e associados ao universo das novas mídias e tecnologias.

Para o levantamento dos aspectos temático-formais que dão corpo ao estudo foram selecionadas obras brasileiras e galegas legitimadas pelas instituições literárias de seus respectivos países, buscando-se analisar as narrativas sempre sem perder de vista o tratamento estético conferido aos temas em pauta pelos autores. No âmbito dos conflitos vividos por esses jovens heróis (ou melhor, anti-heróis) colocados contra a parede, destacam-se, em meio à riqueza de temas abordados na produção contemporânea, questões como: *a oposição entre os valores de uma sociedade rural e agrária e o mundo urbano e industrializado; a visão mítica de mundo e uma perspectiva racionalista da realidade; o dado local e o cosmopolita; as identidades nacionais e o fenômeno da globalização; o confronto entre a postura etnocêntrica e intolerante e o reconhecimento do espaço social do outro e a aceitação dos sujeitos, da alteridade e da diferença; o embate entre os papéis masculinos típicos de sociedades patriarcais e o lugar social da mulher no mundo contemporâneo; os variados processos de exclusão social; a oposição entre centro e periferia; as múltiplas identidades sexuais, étnicas, culturais; o poder dos adultos em contraste ao poder dos jovens.*

O corpus básico que serviu de base à pesquisa é composto pelas seguintes obras: a) da literatura juvenil brasileira, foram selecionados: *Corda bamba*, de Lygia Bojunga (1979); *Bicho-do-Mato*, de Martha Azevedo Pannunzio (1985); *Pobre corintiano careca*, de Ricardo Azevedo (1995); *Antes que o mundo acabe*, de Marcelo Carneiro da Cunha (2000); *Cartas marcadas: uma história de amor entre iguais*, de Antonio Gil Neto e Edson Gabriel Garcia (2007); *Todos contra Dante*, de Luís Dill (2008); *Pivetim*, de Délcio Teobaldo (2009); b) da literatura juvenil galega, foram escolhidos: *Memorias dun neno labrego*, de Xosé Neira Vilas (1961)²; *¿Sobrevives?*, de Fina Casalderrey (1996); *O centro do labirinto*, de Agustín Fernández Paz (1997); *A banda sen futuro*, de Marilar Aleixandre (1999); *As cousas claras*, de Xosé A. Neira Cruz (2000); *Rinocerontes e quimeras*, de Marcos S. Calveiro (2007); *Ila Soidade*, de An Alfaya (2007).

² A escolha desta obra merece uma ressalva. Embora anteceda em cerca de duas décadas o período da “explosão” da literatura juvenil galega, não havendo sido escrita especificamente para o público leitor juvenil, a sua popularidade entre os jovens leitores e, particularmente, os mediadores, bem como a ampla e constante circulação que obra obteve desde sua publicação até os dias de hoje, resultando nas sucessivas edições que recebeu ao longo do tempo, fazem dela um objeto tentador para integrar o corpus de análise.

Antes de comentar rapidamente as obras em questão, comparando a voo de pássaro os títulos brasileiros aos galegos e acenando com as perspectivas fecundas sugeridas por essa aproximação, não é demais lembrar que, quanto à literatura juvenil e à especificidade do gênero, é ainda bastante provisória a busca de sentidos para essa produção literária peculiar, em princípio voltada à faixa de leitores que, a partir do início do século XX, constitui esse terreno vago, impreciso e mítico que tem sido denominado “adolescência”, na medida em que ainda não possuímos um objeto claramente delimitado e uma metodologia plenamente estabelecida para sua abordagem. É preciso o esforço de adequar o instrumento de análise ao objeto em foco – mimetizar *o caráter intersticial da adolescência*, ou seja, a idéia de que se trata de um período da vida humana comprimido entre dois pólos, no caso, a infância e a idade adulta, configurando uma espécie de “limbo” que possuiria apenas parcialmente independência e identidade própria. Explicita-se, desse modo, uma série de tensões associadas aos dois extremos que conformam o gênero, conferindo-lhe uma instabilidade particular da qual não é qualquer esforço interpretativo que consegue dar conta.

Assim, de maneira afinada com a natureza do objeto em pauta, é possível perceber, nos melhores estudos sobre literatura juvenil hoje em circulação, um movimento permanente, de matiz dialético, empenhado em instaurar uma reflexão sobre as narrativas para jovens com base em dicotomias que perpassam o gênero infanto-juvenil desde suas origens e que só têm feito ganhar maior relevo, à medida que a produção nesse âmbito cada vez mais cresce. As obras são postas à prova quanto a sua autonomia estética e quanto a sua capacidade humanizadora segundo uma problematização que recusa qualquer abordagem pasteurizada e apaziguadora, deixando emergir sem pudor vasta gama de forças contraditórias e nem por isso menos legítimas. Trata-se de uma concepção da adolescência/literatura juvenil como espécie de zona de fronteira, espaço intermediário e transitório no qual frequentemente afloram vetores de sentido oposto.

Em *Memorias de un nego labrego* (1961), de Xosé Neira Vilas, obra, de uma certa forma, inauguradora da literatura juvenil galega, o narrador-protagonista Balbino assume um tom confessional, em que expõe de forma crua, e ao mesmo tempo delicada, as muitas tensões que atravessam o universo rural/urbano de uma Galícia das primeiras décadas do século XX, e que em muito se parece com o Nordeste brasileiro tão sensivelmente explorado pelos escritores da chamada “Geração de 30”, particularmente José Lins do Rego, no que concerne às representações desse universo da perspectiva de uma criança ou adolescente.

Mas não apenas a esse universo pode ser associada a obra de Neira – também na literatura juvenil brasileira

contemporânea, ainda que de forma bem mais tímida do que na “literatura adulta”, esse tema está presente. É o caso de *Bicho do mato* (1985), de Martha Azevedo Pannunzio, em que Tião, também um narrador-protagonista, em tom igualmente confessional, aborda hábitos, costumes e valores do universo rural de época muito próxima à focalizada por Neira. É possível reconhecer, no âmbito do sertão mineiro, o modelo de família patriarcal que também oprime Balbino, ainda que os protagonistas ocupem posições diferenciadas na escala social – Balbino é bem pobre e Tião insere-se nas faixas médias da população rural. Em meio às agruras que os dois enfrentam, é dado destaque especial, nos dois livros, ao motivo das *festas* do interior. Nos dois casos, as obras podem ser particularmente valorizadas por extrapolar o registro meramente documental das realidades que flagram, para inserir seus protagonistas no cerne da condição arquetípica de instabilidade, inconformismo e transformações próprios da adolescência. Como sintetiza bem Balbino já nas primeiras páginas da obra: “Na minha casa, não me compreendiam. E outro tanto me acontece na do Landeiro. Isso é pior que pode suceder a uma pessoa (...)” (NEIRA VILAS, 1985, p. 17-18).

Numa dicção diferente, distanciada do tom de crônica de costumes assumido por essas duas narrativas, mas, por outro lado, levando às últimas consequências a exploração da dimensão universal de desconforto e mal-estar com a realidade externa que modula o espírito dos adolescentes de *Bicho do mato* e de *Memórias de un neno labrego*, duas outras obras, de excepcional qualidade literária, podem ser aproximadas, apesar da concepção muito diversa que cada uma possui. *Corda Bamba* (1979), de Lygia Bojunga, e *Rinocerontes e quimeras* (2007), de Marcos S. Calveiro.

Essa aproximação é viável especialmente com base no motivo do *circo*, que ambas abordam. Em *Corda bamba*, a protagonista Maria tem ligações viscerais com o mundo circense, pois aí foi criada, viveu e tornou-se equilibrista, até que perdeu seus pais – os trapezistas – num acidente fatal. Depois de viver com a Mulher Barbuda e Foguinho por um tempo, passa a morar com a avó pequeno-burguesa. Vive, então, em conflito com os valores mesquinhos da vida que lhe quer impor a avó, numa caracterização de personagem que explode o estereótipo da avó carinhosa e permissiva tão presente na literatura infanto-juvenil. O leitor passa a acompanhar Maria, então, ao lidar com as suas dores, suas perdas e o sentimento de incompreensão mútua com a avó.

Rinocerontes e quimeras (2007), de Marcos S. Calveiro, apresenta ao leitor uma perturbadora narrativa, ambientada em fins do século XIX, em que, numa atmosfera de pesadelo, se vai conhecendo, um a um, os seis monstros de feira que estão abandonados, trancados e

espremidos num vagão de trem, juntamente com Balote, seu carcereiro, ele também, de uma certa maneira, prisioneiro. São eles menino-pinguim, as meninas-siamesas, a menina-pássaro, o menino-elefante e a menina-girafa. Deixados à margem da vida por Mister B, o dono do circo, que os trocou por um teatro de autômatos, na vertigem das transformações e novidades técnicas do final de século, narram, um a um, sua vida até o ingresso no circo, em capítulos que se intercalam com outros conduzidos por um narrador exterior à história.

Se Maria é vítima da intolerância de um membro da sua própria família – a avó –, os meninos-monstros são alvo de uma intolerância hiperbólica do conjunto da sociedade, expondo toda a fragilidade de nossa “civilização”. As duas narrativas podem ser vistas como alegorias contundentes sobre o horror à diferença e à diversidade, nas mais variadas esferas, explorando, ainda, os sentidos antípodos que pode adquirir o circo nos diferentes contextos narrativos. Ora se afigura como única saída para uma vida criativa, autêntica e cheia de fantasia; ora como espaço de horrores cotidianos.

A discriminação, o preconceito e a intolerância também são matéria de duas narrativas de muito boa qualidade, mas que não exploram o caminho simbólico ou alegórico percorrido por Bojunga e Calveiro. Preferem a tradição do realismo verista, não deixando de buscar, entretanto, soluções literárias exigentes para o desenvolvimento de suas narrativas. *Pivetim* (2009), de Délcio Teobaldo, configura-se como uma narrativa contundente sobre um menor em situação de atroz exclusão, tentando sobreviver material e emocionalmente a duras penas nas ruas da cidade grande. Ligada à vertente verista, que desde a década de 70 representa tendência importante na literatura infanto-juvenil brasileira, a história de *Pivetim* permite um mergulho vertical na sua experiência, na medida em que chega ao leitor mediada pelo narrador-protagonista, por sua visão de mundo e por sua linguagem peculiar, todos construídos com muita consistência pelo escritor.

O universo dos que moram e tentam sobreviver na rua, neste caso pessoas adultas, também é explorado com rara sensibilidade, por An Alfaya em *Illa soidade* (2007). A narrativa concentra suas atenções na figura de Soa, uma sem-teto que habita a praça de uma cidade espanhola, e na de Lucía, uma jovem estudante de jornalismo, cujos pais possuem uma casa, que também é *cafeteria*, próxima à praça. Lucía acaba por aproximar-se de Soa e as duas passam a manter um relacionamento intenso, complexo, permeado por ternura, mas também por fortes tensões, advindas das diferenças sociais entre as duas. Ao leitor a história chega tanto pela narração em primeira pessoa que faz Lucía, quanto pelo diário de Soa ou matérias jornalísticas em “*fac-similes*” disseminados

ao longo da obra. Percebe-se, assim, um grande cuidado dos dois escritores em buscar a contrapartida de soluções linguísticas e estruturais criativas face ao “tema quente” que se propõem abordar.

Na tradição do *bildungsroman*, cuja matriz é *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, de Goethe, muitas outras narrativas juvenis detêm-se na representação do jovem, inserido no âmbito da escola e da família, e vivendo pela primeira vez experiências fundamentais da existência, tais como *a amizade, o amor, o trabalho* etc. Nessa linha, muitas obras de teor marcadamente psicológico inserem a (pouca) ação de suas narrativas no contexto da família e da escola, preponderando a abordagem dessa instituição, com certeza porque é esse o principal espaço de circulação do gênero.

As cousas claras (2000), de Xosé A. Neira Cruz, e *Cartas marcadas: uma história de amor entre iguais* (2007), de Antonio Gil Neto e Edson Gabriel Garcia, dão conta de jovens personagens vivendo as angústias próprias da idade, de caráter mais universal, mas na conjunção com questões um pouco mais específicas que atingem determinados grupos sociais, geralmente minorias ou grupos vistos como tal. No caso dos dois títulos, a questão em jogo é a homossexualidade – do professor mais popular do Instituto, no caso da primeira obra; de um dos protagonistas, no caso da segunda. *Pobre corintiano careca* (1995), de Ricardo Azevedo, e *A banda sen futuro*, de Marilar Aleixandre, por curiosa coincidência, constroem protagonistas que se vêm passando por uma experiência para eles muito traumática e constrangedora – terem seu cabelo todo raspado e serem obrigados a frequentar a escola ainda assim, mesmo sob os olhares preconceituosos dos colegas e as agressões de que se veem alvo. Nas duas narrativas, a perda dos cabelos desencadeia crises interiores acentuadas nas personagens, transformando-os em Sansões contemporâneos... Em *Todos contra Dante*, de Luís Dill, e *¿Sobrevives?*, de Fina Casalderrey, a tônica concentra-se nas próprias relações degradadas que os protagonistas Dante e Francisco, respectivamente, mantêm com a instituição escolar, o que, mesmo à revelia de um e de outro, desencadeia ações violentas de diferente natureza e intensidade. Ainda que, na aparência, Dante seja a vítima da violência e Francisco seja visto por todos como aquele que a pratica, o saldo é muito ruim para todos e só faz reforçar a ideia de que, numa sociedade profundamente desigual como a nossa, a instituição escolar só faz reproduzir esse estado de coisas ou distorcê-lo ainda mais.

Para finalizar esta rápida visada panorâmica sobre o conjunto de obras selecionadas, que não tem outro propósito que não o de acenar com o amplo leque de possibilidades analítico-interpretativas propiciado pela comparação entre esses dois universos culturais,

são lembradas aqui duas obras cujo traço distintivo é o de, para além da abordagem das questões típicas da condição juvenil, discutir um tópico candente do cenário contemporâneo – *a globalização*. São elas *O centro do labirinto* (1997), de Agustín Fernández Paz, e *Antes que o mundo acabe* (2000), de Marcelo Carneiro da Cunha.

O centro do labirinto vale-se de uma trama de aventura e suspense para tratar do tema da globalização, ao focalizar o misterioso sequestro do jovem David, filho da doutora Sara Mettmann, uma integrante da organização que, em meados do século XXI, dá as cartas quanto aos destinos da Europa. Blanca-Ana Roig Rechou (2010, mimeo, p. 9) assinala que se trata de

um romance de ficção científica no qual o autor oferece unha boa dose de aventura, intriga e mesmo traços de iniciação para refletir acerca dos possíveis problemas derivados da uniformidade cultural, do pensamento único, da desapareção da identidade das minorias ou de alguns dos possíveis efeitos negativos da globalização.

Na narrativa de Marcelo Carneiro da Cunha, também há o apelo a subgêneros populares do romance, numa solução híbrida, que mescla pitadas de romance policial, de aprendizagem e de crítica social. Daniel, o protagonista, tem seu cotidiano de garoto de classe média tumultuado pela chegada de cartas enviadas da Tailândia por seu pai biológico, com quem até então ele nunca tivera contato. Fotógrafo renomado, o pai ficou doente no Oriente e resolveu travar contato com o filho, enviando a ele fotos e textos que, pouco a pouco, o sensibilizam para a questão da diversidade cultural, da globalização, das questões identitárias.

Os dois romances, protagonizados por rapazes de idade próxima e abordando praticamente a mesma questão, chamam a atenção em particular, não apenas por essas afinidades, mas também porque, de maneira mais explícita do que os demais já comentados, permitem observar, no que diz respeito à composição das personagens jovens, a natureza dos conflitos que afloram. Estes se revelam como de ordem geracional, opondo jovens a adultos, na clássica relação assimétrica que baliza a literatura juvenil, mas se sobrepõe a esse nível também o do choque entre as diferentes culturas que se fazem presentes hoje no mundo contemporâneo.

Referências

- ALEIXANDRE, Marilar. *A banda sen futuro*. Vigo: Xerais, 1999.
- ALFAYA, An. *Ila Soidade*. Vigo: Xerais, 2007.
- AZEVEDO, Ricardo. *Pobre corintiano careca*. São Paulo: Melhoramentos, 1995.
- BOJUNGA, Lygia. *Corda bamba*. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

CALVEIRO, Marcos S. *Rinocerontes e quimeras*. Vigo, Tambre, 2007.

CASALDERREY, Fina. *¿Sobrevives?* Vigo: Xerais, 1996.

CUNHA, Marcelo Carneiro da. *Antes que o mundo acabe*. Porto Alegre: Projeto, 2000. DILL, Luís. *Todos contra Dante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FERNÁNDEZ PAZ, Agustín. *O centro do labirinto*. Vigo: Xerais, 1997.

GIL NETO, Antonio; GARCIA, Edson Gabriel. *Cartas Marcadas: uma história de amor entre iguais*. São Paulo: Cortez, 2007.

NEIRA CRUZ, Xosé A. *As cousas claras*. Vigo: Xerais, 2000.

NEIRA VILAS, Xosé. *Memorias dun neno labrego*. 13. ed. A Coruña: Edicións do Castro, 1985.

PANNUNZIO, Martha Azevedo. *Bicho-do-Mato*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

ROIG RECHOU, Blanca-Ana. *A literatura infantil e xuvenil galega no século XXI: seis chaves para entendela mellor*. Madrid: Asociación Española de Amigos del Libro Infantil y Juvenil; Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2008.

ROIG RECHOU, Blanca-Ana. Agustín Fernández Paz e Lygia Bojunga Nunes: da literatura para a nenez á literatura fronteiriza. 2010 (mimeo).

TEOBALDO, Délcio. *Pivetim*. São Paulo: SM, 2009.

VILAVEDRA, Dolores. *Historia da literatura galega*. Vigo: Galaxia, 1999.

Recebido: 10.07.2010

Aprovado: 18.08.2010

Contato: <ceccantini@uol.com.br>